

**NIEP  
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Comunicação, cultura e política: associações nos movimentos sociais contemporâneos			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Leila Salim Leal	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Mestranda
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O ano de 2011 foi marcado pela emergência de mobilizações sociais de grande porte, que colocaram na ordem do dia o debate sobre as formas de organização coletiva e transformação social na contemporaneidade. O enfrentamento e derrubada de ditaduras na região norte da África, as mobilizações contra a retirada de direitos sociais na Europa e o questionamento à ordem econômica, política e social imposta por grandes bancos e empresas transnacionais nos Estados Unidos foram expoentes de um processo que assumiu ares de movimentação global, mesmo diante das importantes diferenças entre as situações específicas e reivindicações imediatas sobre as quais se desenvolvia nas diferentes regiões. Neste contexto, o papel mobilizador e aglutinador das novas tecnologias de comunicação, especialmente a partir das redes sociais na internet, e a constituição de redes de comunicação alternativas, próprias dos movimentos, também vêm sendo apontados como marcas constitutivas fundamentais desse processo de mobilização global. Interessa-nos, aqui, pensar mais profundamente o papel e o sentido da comunicação para a constituição desses movimentos, levando em consideração não apenas a utilização das redes sociais como instrumento mobilizador e os veículos e peças de comunicação por eles produzidos, mas também buscando compreender que questões, referentes à natureza e inserção desses movimentos no capitalismo contemporâneo, podem ser reveladas a partir da identificação da importância assumida pela comunicação e pela cultura em sua constituição. Não se trata de desconsiderar a importância da comunicação e da cultura nesses movimentos, mas de superar a mera constatação acrítica de seu papel.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Comunicação; cultura; movimentos sociais			
ABSTRACT			
KEYWORDS			
Communication; culture; social movements			
EIXO TEMÁTICO			
Marx pensador da cultura			

O ano de 2011 foi marcado pela emergência de mobilizações sociais de grande porte, que colocaram na ordem do dia o debate sobre as formas de organização coletiva e transformação social na contemporaneidade. O enfrentamento e derrubada de ditaduras na região norte da África, as mobilizações contra a retirada de direitos sociais na Europa e o questionamento à ordem econômica, política e social imposta por grandes bancos e empresas transnacionais nos Estados Unidos foram expoentes de um processo que assumiu ares de movimentação global, epidêmica, mesmo diante das importantes diferenças entre as situações específicas e reivindicações imediatas sobre as quais se desenvolvia nas diferentes regiões.

A mobilização na Praça Tahrir, no Egito, serviu de exemplo para os movimentos da Espanha, Grécia, Portugal e Estados Unidos, transformando a ocupação de praças em um método comum e, até mesmo, constitutivo de uma identidade compartilhada pelos movimentos ao redor do mundo. Foram ocupadas a Praça Puerta Del Sol, em Madrid, a Praça Syntagma, em Atenas, e o Zuccotti Park, no coração financeiro de Nova Iorque. A chamada Primavera Árabe, dessa e de outras formas, se associou ao Movimento dos Indignados espanhóis, à Geração à Rasca de Portugal e ao Movimento Occupy, que se apresentou com esta denominação inicialmente no movimento de Wall Street mas rapidamente se espalhou para outras regiões dos EUA e do mundo (inclusive, de maneira menos massiva, para capitais brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro).

Neste contexto, o papel mobilizador e aglutinador das novas tecnologias de comunicação, especialmente a partir das redes sociais na internet, e a constituição de redes de comunicação alternativas, próprias dos movimentos, também vêm sendo apontados, por diversos analistas e em vários sentidos, como marcas constitutivas fundamentais desse processo de mobilização global. Interessa-nos, aqui, pensar mais profundamente o papel e o sentido da comunicação para a constituição desses movimentos, levando em consideração não apenas a utilização das redes sociais como instrumento mobilizador e os veículos e peças de comunicação por eles produzidos, mas também buscando compreender que questões, referentes à natureza e inserção desses movimentos no capitalismo contemporâneo, podem ser reveladas a partir da identificação da importância assumida pela comunicação e pela cultura em sua constituição.

Complementarmente, discutiremos o tratamento e a representação feita por veículos de comunicação da mídia hegemônica (“externos” aos movimentos, portanto) em relação aos movimentos sociais que ganharam destaque em 2011, buscando identificar de que forma aparecem questões como o papel da cultura, o sentido político e social das manifestações e a noção de sujeito histórico e político nos movimentos sociais contemporâneos. Essa análise se faz fundamental porque a representação dos movimentos pela mídia expressa e, ao mesmo tempo, agenda determinadas formas de percepção e significação desses movimentos em todo o mundo.

É fundamental, ainda, destacarmos que esses movimentos emergem em um contexto social profundamente marcado pelo ceticismo em relação aos “grandes projetos coletivos”, aos chamados “grandes discursos” (e noções daí derivadas, como verdade, realidade, história, sujeito, classe, ideologia e outros) e à possibilidade de transformações estruturais na sociedade. Em variadas áreas de conhecimento, os debates sobre a instauração da pós-modernidade como uma era marcada pela constituição de identidades atomizadas e fragmentárias indicam a dissolução da noção de sujeito histórico e político como agente de transformação estrutural e totalizante da realidade. Essa mesma perspectiva, identificada com o referencial pós-moderno, aponta o campo da comunicação – o discurso, a linguagem – como o espaço de produção, afirmação e vivenciamento das novas identidades que suplantam a noção de sujeito correspondente aos paradigmas modernos.

A consolidação de processos como a Primavera Árabe, Movimento dos Indignados e Movimento Occupy em um contexto consideravelmente marcado por essas concepções não é um dado menor. Acreditamos que a emergência desses novos movimentos se configura como um importante objeto empírico para problematização e reflexão acerca dessas concepções e suas relações com as transformações vividas pelo capitalismo contemporâneo e, especificamente, pelo campo da comunicação.

Por isso, analisaremos o papel da comunicação e da cultura na constituição e representação dos novos movimentos sociais a partir desse contexto e sua problematização. Algumas análises têm apontado, de maneira geral, que os chamados ‘novos movimentos sociais’ surgidos em 2011 são uma expressão da pós-modernidade e suas identidades eventuais, fragmentárias e mediadas pela cultura e pelo discurso. Interessa-nos, aqui, refletir mais profundamente sobre esse tema, levando em consideração a hipótese de que tais movimentos possam indicar sinais de volta à cena dos grandes processos de transformação social protagonizados por sujeitos coletivos, que encontram na comunicação e na cultura formas de reconstituição de algo tido como ultrapassado. Questionaremos, assim, a ideia de que o papel desempenhado pela comunicação e pela cultura nos ‘novos movimentos sociais’ significa, necessariamente, a superação definitiva das lutas de cunho econômico e estrutural, buscando identificar que formas de associação entre essas esferas podem ser expressadas por esses processos políticos.

São esses os temas que procuraremos abordar, a partir de uma análise que relacione a formulação e consolidação do referencial pós-moderno e sua concepção de sujeito, as especificidades do capitalismo contemporâneo e seus impactos na esfera da comunicação e produção de bens culturais, refletindo sobre esse referencial e problematizando-o à luz da análise dos movimentos sociais que despontaram nos últimos anos e suas relações com a comunicação e a cultura contemporâneas.

Se, como aponta Fredric Jameson, o pós-modernismo pode ser identificado como “a lógica cultural do capitalismo tardio”, entendemos que seus pressupostos e marcas fundamentais se expressarão (como dissemos, de diferentes formas) nas produções estéticas, jornalísticas, culturais e intelectuais hegemônicas. Nesse sentido, contribuem também as análises de Perry Anderson, Ellen Wood, Terry Eagleton, David Harvey e outros, que nos auxiliam a buscar os vínculos entre a atual etapa de desenvolvimento do capitalismo e o surgimento, a consolidação e conteúdo do referencial pós-moderno.

É importante, também, entendermos de que forma o capitalismo contemporâneo impacta a produção de bens culturais e midiáticos pela indústria cultural. No período neoliberal, com transferência de recursos cada vez maiores ao setor de serviços e com o *boom* industrial na produção das plataformas de novas tecnologias de comunicação, observamos um desenvolvimento sem precedentes da indústria cultural. O aumento do poderio econômico e ideológico dos grandes conglomerados de comunicação, suas conexões com o capital fictício, as possibilidades geradas pelas novas tecnologias de comunicação, seus potenciais e limites, assim como os novos padrões de interação entre os indivíduos por elas possibilitados, são elementos indispensáveis à compreensão tanto do discurso da mídia hegemônica acerca dos novos movimentos sociais (em suas relações de complementaridade com o referencial pós-moderno) como, também, do papel desempenhado pela comunicação e pela cultura na constituição dos movimentos e da própria formação da consciência dos indivíduos contemporâneos, inseridos num capitalismo crescentemente marcado por relações sociais “mediatizadas”. Assim, buscaremos estabelecer uma relação entre a etapa neoliberal de desenvolvimento do capitalismo, a consolidação do referencial pós-moderno e os reflexos específicos desse fenômeno para a produção artística e de mercadorias culturais pela indústria cultural.

Procuramos discutir essas questões analisando os primeiros registros da ideia de pós-modernismo - identificados pelo historiador Perry Anderson<sup>1</sup> como uma estética pós-modernista na arte - e sua expansão para a construção de uma determinada concepção de mundo, tendo como foco de nossa investigação a noção de sujeito introduzida por esta perspectiva. Buscamos entender os motivos e a maneira como se deu a expansão dos apontamentos artísticos do pós-modernismo para as outras esferas da sociedade, tornando-se uma teoria geral de interpretação dos fenômenos da sociedade contemporânea e, a partir daí, apontamos os motivos que determinaram que a noção de pós-modernismo, esboçada nos anos 1930 e delineada nos anos 1950, fosse amplamente difundida e consolidada no período que se inicia nos anos 1970 e vai até os anos 1990, relacionando as transformações ocorridas na base econômica da sociedade capitalista com a consolidação do referencial teórico e estético do pós-modernismo.

---

<sup>1</sup> ANDERSON, 1999, p. 9

É neste sentido que procuramos entender como a etapa de desenvolvimento neoliberal do capitalismo influencia a percepção e apreensão da realidade pelos indivíduos, e em que medida a instauração do neoliberalismo atinge a configuração da indústria cultural no capitalismo contemporâneo. Compreendendo a instauração do neoliberalismo e seus impactos para o desenvolvimento da indústria cultural, buscamos entender a determinação da produção cultural pelo mercado simbólico, cuja principal característica, e de potencial interesse para nossa investigação, é o fato de impulsionar a humanidade a abdicar de sua função de construtora da realidade. O processo em questão tem como principal consequência o fato de a humanidade abandonar a perspectiva de sua construção como sujeito, rebaixando-se à categoria de objeto, e esse é o fenômeno que problematizamos.

A partir daí, nos dedicamos mais detalhadamente à análise dos movimentos sociais que marcaram o ano de 2011. Em um primeiro momento, se faz necessária uma análise que se detenha em seu surgimento e constituição, com ênfase no contexto em que estão inseridos. Para isso, nos parece essencial que a análise desses movimentos não seja feita de maneira dissociada da análise da crise econômica mundial que se desenvolve desde 2008, apontada por analistas como Slavoj Žižek, João Alexandre Pechanski e Giovanni Alves e muitos outros como chave para a compreensão dos processos de mobilização contemporâneos. Buscamos, assim, identificar o cenário mundial em que surgem os movimentos sociais de 2011 e de que maneira o desenvolvimento da crise se associa às características assumidas por esses movimentos.

Identificamos, também, os pontos de contato, em relação à conjuntura política e econômica, à identidade política, às formas de consciência, métodos de mobilização e outros que podem justificar que os movimentos e mobilizações em questão sejam analisados como parte de um mesmo processo. A análise busca, também, destacar as diferenças entre esses movimentos, relacionadas às especificidades de cada formação social em que se desenvolvem e à natureza das reivindicações. É importante frisar que, quando tratamos da “identidade política dos movimentos” e “formas de consciência”, entre outros temas, levaremos em consideração as diferenças internas a cada um desses movimentos nesses aspectos, que serão levadas em consideração justamente como aspecto que os constitui e, assim, uma característica por si só merecedora de atenção e análise.

Foi quase um século depois da crise de 1929 que uma crise econômica mundial de grandes proporções - tendo os Estados Unidos em seu epicentro - coloca em xeque o sistema capitalista. Os efeitos da crise iniciada nos EUA alastraram-se imediatamente pelo mundo globalizado, ainda em 2008 e, depois, com mais intensidade em 2009. O colapso financeiro dos EUA afetou o sistema financeiro mundial e o “efeito dominó” provocou a recessão das grandes economias europeias. Nos países de economias ditas emergentes, declínio das exportações de *commodities* primárias

colocando em xeque a estratégia de crescimento via exportações, somados ao aumento no preço dos alimentos e no custo de vida de maneira geral.

A resposta imediata veio célere para remediar a etapa mais aguda: injeção de bilhões e bilhões de dólares pelos Estados nas economias em crise, diferentes pacotes econômicos de ajuda aos bancos com balanços comprometidos, logo expandidos para ajuda aos bancos mais saudáveis, às empresas de crédito ao consumidor e às montadoras do país.

O repasse dos Estados para o setor privado para conter a crise aumentou significativamente o déficit orçamentário, gerando um segundo ciclo de aprofundamento da crise, a partir de 2011, desta vez na Europa. Além dos países do leste europeu, endividados com o Fundo Monetário Internacional (FMI), os chamados “PIGS” (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha) aprofundaram suas situações de endividamento e viram-se, mais uma vez, diante de uma “crise de confiança” no mercado financeiro. Temendo um calote dos chamados PIGS, os investidores estrangeiros fugiram da Europa e tornaram a se refugiar no dólar e em títulos do tesouro norte-americano.

Em 2009, o déficit fiscal alcançou quase 10% do PIB nos Estados Unidos. Na Espanha, mais de 11%; no Reino Unido, mais de 14%; e na França, quase 8% do PIB. Nos cinco países atingidos por crises financeiras sistêmicas (Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, Irlanda e Islândia), a dívida pública aumentou em média 75% em termos reais de 2007 a 2009, enquanto a dívida externa bruta (dívida pública e privada colocada no exterior) dos países desenvolvidos alcançou em média 200% do PIB de cada um desses países. Alguns dados gerais sobre as condições de vida sob o capitalismo contemporâneo ajudam a ilustrar um pouco mais a situação: o mundo atingiu, em 2010, a cifra de mais de 1 bilhão de desnutridos - com um aumento de 100 milhões somente em 2009.

É, pois, precisamente sob o cenário da atual crise econômica, apontada como a maior desde 1929, que emergem os movimentos sociais que marcaram o ano de 2011. Como dissemos, nos parece fundamental associar o surgimento desses movimentos ao contexto colocado pela crise do capitalismo. Especialmente diante de análises que, como destacamos, adotando integral ou parcialmente os referenciais pós-modernos, compreendem o papel da comunicação e da cultura nesses movimentos como índices da constituição de identidades fluidas, discursivas e cada vez menos relacionadas às estruturas objetivas do capitalismo contemporâneo, e identificam nesses movimentos justamente o descolamento das determinações materiais e econômicas, buscando situá-los unicamente como movimentos circunscritos aos campos da subjetividade, do discurso e da cultura, é indispensável que nos questionemos sobre os motivos de tais movimentos eclodirem neste momento específico, com tanta força e caráter “epidêmico”, como identificamos anteriormente.

É a partir daí que problematizamos a questão da comunicação e da cultura nesses movimentos. Uma análise mais profunda do papel desempenhado pela comunicação na produção e

representação dos novos movimentos sociais que emergiram no ano de 2011 precisa ir além, por exemplo, da mera afirmação de que a Primavera Árabe e seu desenrolar no Egito, com a ocupação da Praça Tahrir, foi “fruto da mobilização de jovens pelo Facebook”, e que o uso das redes sociais configura o principal diferencial e ponto de contato entre os movimentos sociais de contestação que eclodiram em 2011, como têm apontado recorrentemente análises nos meios de comunicação de massa e na academia.

Não se trata de desconsiderar a importância da comunicação e da cultura nesses movimentos, mas de superar a mera constatação acrítica de seu papel sem levar em consideração o que os próprios temas da comunicação e da cultura revelam sobre a relação desses movimentos com o capitalismo contemporâneo. Pretendemos problematizar as análises que, como apontamos anteriormente, partem da identificação do lugar da comunicação e da cultura para concluir que as lutas de cunho econômico e estrutural, assim como o sujeito político e histórico capaz de operá-las, estão definitivamente descartadas.

Nossa abordagem sobre o papel da comunicação e da cultura na constituição dos movimentos sociais contemporâneos nos remete a um questionamento sobre o tipo de vínculo e identidade produzido pelos indivíduos que protagonizaram as mobilizações, sobre as condições materiais para a utilização das novas tecnologias de comunicação e sobre o sentido da prática política que se desenvolve, se em direção a uma compreensão da comunicação e da cultura como esferas autonomizadas e espaços constitutivos das identidades multifacetadas ou em direção a uma compreensão da comunicação que recoloca o lugar de um sujeito histórico e político associado aos novos movimentos sociais.

Associadas a essa última perspectiva estão as formulações de Žižek, que critica o tratamento das mobilizações da Primavera Árabe e do Movimento Occupy como “evento” e busca apreender, de suas especificidades e da negação do consenso capitalista, respostas que caminhem no sentido de um projeto coletivo e totalizante que corresponda aos temas da contemporaneidade. O trecho abaixo foi retirado de seu discurso, intitulado *A tinta vermelha*, aos manifestantes do Occupy Wall Street, na Liberty Plaza, Nova Iorque, em 2011:

“Não se apaixonem por si mesmos, nem pelo momento agradável que estamos tendo aqui. Carnavais custam muito pouco – o verdadeiro teste de seu valor é o que permanece no dia seguinte, ou a maneira como nossa vida normal e cotidiana será modificada. Apaixone-se pelo trabalho duro e paciente – somos o início, não o fim. Nossa mensagem básica é: o tabu já foi rompido, não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão e a obrigação de pensar em alternativas. Há um longo caminho pela frente, e em pouco tempo teremos de enfrentar questões realmente difíceis – questões não sobre aquilo que não queremos, mas sobre aquilo que QUEREMOS. Qual organização social pode substituir o capitalismo

vigente? De quais tipos de líderes nós precisamos? As alternativas do século XX obviamente não servem.”. (ZIZEK, 2011).

As análises do filósofo Vladimir Saflate acerca do tratamento da mídia hegemônica aos movimentos sociais de 2011 também nos ajudam a compreender de que maneira, como discutíamos anteriormente, elas buscam agendar uma percepção que nega a esses movimentos consistência e formulação de um projeto histórico. Diz Saflate:

“Atualmente, boa parte da imprensa mundial gosta de transformá-los em caricaturas, em sonhadores vazios sem a dimensão concreta dos problemas. Como se esses arautos da ordem tivessem alguma ideia realmente sensata de como sair da crise atual. Na verdade, eles nem sequer sabem quais são os verdadeiros problemas, já que preferem, por exemplo, nos levar a crer que a crise grega não é o resultado da desregulamentação do sistema financeiro e de seus ataques especulativos, mas da corrupção e da ‘gastança’ pública. Nesse sentido, nada mais inteligente do que uma pauta que afirme: ‘Queremos discutir’”. (SAFATLE, V. 2012, p. 49)

Ainda no campo das formulações teóricas que nos ajudam a refletir sobre a gama de elementos suscitados pela emergência da Primavera Árabe e Movimento Occupy a partir da problematização de suas mediações socioculturais, estão as análises do geógrafo David Harvey, conhecido crítico do pós-modernismo. Discutindo o papel da mobilizações e, especificamente, sua relação com as novas tecnologias da comunicação, ele destaca:

“Agora, pela primeira vez, há um movimento explícito que enfrenta o Partido de Wall Street e seu mais puro poder do dinheiro. A “street” de Wall Street está sendo ocupada – ó, o horror dos horrores – por outros! Espalhando-se de cidade em cidade, as táticas do Occupy Wall Street são tomar um espaço público central, um parque ou uma praça, próximo à localização de muitos dos bastiões do poder e, colocando corpos humanos ali, convertê-lo em um espaço político de iguais, um lugar de discussão aberta e debate sobre o que esse poder está fazendo e as melhores formas de se opor ao seu alcance. Essa tática, mais conspicuamente reanimada nas lutas nobres e em curso da Praça Tahrir, no Cairo, alastrou-se por todo o mundo (praça do Sol, em Madrid, praça Syntagma, em Atenas, e agora as escadarias de Saint Paul, em Londres, além da própria Wall Streer). Ela mostra como o poder do coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado. A praça Tahrir mostrou ao mundo uma verdade óbvia: são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no Twitter ou Facebook, que realmente importam”. (HARVEY, 2012, p.61)

Zizek identifica como ponto comum aos movimentos em questão, em relação à elaboração de proposições e mesmo de um programa positivo, o que chama de um “violento silêncio de um



novo começo”, e esse é um dos pontos a que iremos nos deter aqui. De nosso ponto de vista, ele é essencial para, a partir da identificação do contexto de crise do capital, começarmos nossa investigação acerca do caráter espontâneo e a(s) identidade(s) política(s) surgida(s) nos novos movimentos sociais. Em seu artigo publicado na coletânea *Occupy – movimentos de protesto que tomaram as ruas*, o filósofo esloveno destaca a ruptura provocada por esses movimentos, tendo como pano de fundo a crise econômica e a ruptura com o senso comum de ‘intocabilidade’ do capitalismo como único horizonte possível.

Ele destaca, assim, que no momento de eclosão dos movimentos que expressam essa ruptura política e ideológica, despertando para a luta política gerações que nunca vivenciaram a política ou trazendo novamente à ação gerações já desacreditadas dos processos coletivos, em que as alternativas já prontas parecem não responderem ao conjunto dos anseios e questões colocadas pela dinâmica da realidade objetiva, o “silêncio” cumpre importante papel. Sempre reafirmando que um programa é necessário, que a reflexão sobre “o dia seguinte” e o caráter “não-eventivo” das mobilizações são fundamentais, Zizek aponta algo como uma necessária paciência e tempo de maturação para evitar que seus impulsos sejam captados pela ideologia dominante. Em suas palavras:

“Nesta etapa, devemos resistir precisamente a uma tradução assim apressada da energia das manifestações para um conjunto de demandas pragmáticas ‘concretas’. Sim, os protestos realmente criaram um vazio – um vazio no campo da ideologia hegemônica –, e será necessário algum tempo para preenchê-lo de maneira apropriada posto que se trata de um vazio que carrega consigo um embrião, uma abertura para o verdadeiro Novo. (...) qualquer debate aqui e agora, permanece como um debate no território do inimigo: é preciso tempo para posicionar o novo conteúdo”. (ZIZEK, 2012, p. 19)

Zizek ainda faz uma observação importante, ao polemizar com a análise de Anne Applebaum publicada no *Washington Post* de 17 de outubro de 2011 (com o título ‘*What the Occupy Protests Tell Us about the Limits of Democracy?*’), sobre o que poderia ser identificado como um elo constitutivo de identidade entre as mobilizações daquele ano. Em um dado momento de sua análise, Applebaum afirma: “Diferentemente dos egípcios da Praça Tahir, com quem os manifestantes de Londres e Nova York se comparam de maneira aberta (e ridícula)...”.

O filósofo destaca que essa análise reduz os protestos da Praça Tahir a reivindicações pela democracia de estilo ocidental, apontando que, se esse pressuposto fosse verdadeiro, de fato seria ridículo aproximar o Movimento Occupy à Primavera Árabe. Afinal, os manifestantes ocidentais estariam reivindicando o que já têm: instituições democráticas. É a partir daí que o autor chama atenção para o fato de que há, sim, uma identidade comum que permite aproximações entre esses movimentos, e que não se trata da reivindicação por instituições democráticas nos moldes

ocidentais: segundo ele, o que os une é precisamente “o descontentamento geral com o sistema global capitalista, que, é claro, adquire diferentes formas aqui e ali”.

Na mesma coletânea, Giovanni Alves segue essa linha e relaciona os movimentos com o sistema capitalista em crise, apontando que “os novos movimentos sociais são reverberações radicais do capitalismo financeiro senil”.

“A crise financeira de 2008 expôs a mediocridade do governo democrata de Barak Obama, que frustrou muitos norte-americanos que acreditaram que ele deteria a hegemonia financeira na política do país. A crise da dívida soberana de 2010 e a crise financeira da zona do euro expuseram a venalidade dos partidos social-democratas e socialistas nos elos mais fracos da União Europeia. Os partidos hegemônicos da esquerda europeia aceitaram a política neoliberal de austeridade da *troika* (FMI, Comissão Europeia e Banco Central Europeu), aplicada com zelo e fervor pela direita conservadora (o caso da Grécia e de Portugal é paradigmático!)”. (ALVES, 2012, p. 34).

A partir daí Alves destaca algo que nos parece ser central, também, para a compreensão da identidade política, da ausência de um programa claro e das formas de organização dos novos movimentos sociais: o fato de que essa crise, daquilo que ele chama de “núcleo orgânico” do sistema mundial do capital, diz respeito não apenas, isoladamente, à crise financeira e à crise da dívida soberana europeia e até aos seus resultados sociais como aumento do desemprego, retirada de direitos e aumento da exploração nas relações de trabalho. Ele destaca que, junto a isso, a atual crise é também e principalmente a crise política dos partidos tradicionais da ordem burguesa (sejam eles conservadores-liberais, social-democratas ou socialistas) que se integraram ao capitalismo financeiro no último período e são incapazes de responder ou apontar alternativas à crise que ora se desenha. Ele destaca, ainda, que essa crise política é acompanhada pela “crise do pensamento crítico corroído pelo pós-modernismo e neopositivismo”.

“Os novos movimentos sociais que ocorrem no bojo do capitalismo senil têm o sentido radical dos carecimentos vinculados à condição de proletaridade e à vida reduzida de amplos contingentes de jovens órfãos de futuridade. Os jovens indignados nos obrigam a refletir sobre as formas e metamorfoses da consciência social. Eles representam um cadinho complexo e rico de formas de consciência crítica que emergem no estado de barbárie social”. (ALVES, 2012, p. 35)

Assim, esses movimentos são fruto de um momento de profunda perda de referências, seja no capitalismo como único horizonte histórico possível, seja pela não realização de seu “dever-ser”, seja em suas expressões políticas e estruturas de organização a ele incorporadas. Esse é mais um dos eixos que aproximam esses movimentos, mesmo se desenvolvendo em formações sociais com

profundas especificidades e diferenças. A análise desses movimentos sociais a partir de uma perspectiva que leve em consideração a noção de totalidade pode compreender a eclosão e desenvolvimento desse processo não como uma negação, mas sim como um momento da reconstituição, sobre as novas bases colocadas pelas modificações na estrutura do capitalismo, na noção de sujeito e dos projetos totalizantes.

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max – **Dialética do Esclarecimento; Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ANDERSON, Perry: **As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. **The London Riots - On Consumerism coming Home to Roost**. In <http://www.social-europe.eu/2011/08/the-london-riots-on-consumerism-coming-home-to-roost/>, 09/08/2011.
- COELHO, Alexandra. **Tahrir: os dias da revolução no Egito**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.
- COUTINHO, E. G.; FREIRE FILHO, J.; PAIVA, R. (Orgs.): **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- EAGLETON, Terry: **As Ilusões do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- \_\_\_\_\_. **Capitalismo, Modernismo e Pós-Modernismo**, in *Crítica Marxista vol. 1, n°2*. Editora Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Ideologia**. São Paulo, Boitempo, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- HOBBSAWM, Eric: **A era dos extremos. O breve século XX– 1914-1918**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAMESON, Fredric. **As Marcas do Visível**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e Imagem : Teorias do pós moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Marxismo Tardio: Adorno, ou a persistência da dialética**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP: Boitempo Editorial, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Pós Modernismo Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- JINKINGS, Ivana (org). **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LYOTARD, Jean-François: **A condição Pós-Moderna**, São Paulo: Ed. José Olympio, 2000.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Reificação e Consciência de Classe - História e Consciência de Classe**. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Porto, Portugal: Publicações Escorpião, 1989, 2ª Edição.
- MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- MARX, Karl, e FRIEDRICH, Engels. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Moraes, 1984.
- SAFATLE, Vladimir. **Grande Hotel Abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- SODRÉ, Muniz: **Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

WOOD, Ellen Meiksins: **O Que É a Agenda "Pós-Moderna"?**, in *Crítica Marxista* – volume 1, nº 3, 1996.

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente.** Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Bem Vindo ao Deserto do Real!**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um Mapa da Ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** São Paulo Boitempo, 2012